

Animal também sobe na vida

Assim como seus donos, os bichos de estimação também mudam de status e ‘classe social’

Carolina Dall’olio, carolina.dalloio@grupoestado.com.br

Milhões de pessoas comendo mais e melhor. A melhoria na distribuição de renda brasileira nos últimos dois anos é reflexo do crescimento econômico do País e, mais diretamente, das seguidas quebras de recordes de criação de empregos formais - foram 1,36 milhão no primeiro semestre, com previsão de ultrapassar 2 milhões até dezembro. A vida melhorou bastante para boa parte da população, e também para seus animais de estimação.

Em 2006, de acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos de Animais Domésticos (Anfalpet), 42% dos animais domésticos recebiam ração nas refeições. No ano passado, o número subiu para 47%. Como a população brasileira de cães e gatos é estimada em 31 milhões, essa diferença de cinco pontos percentuais corresponde aos 900 mil bichinhos que agora comem melhor.

O crescimento na venda de ração para animais domésticos é resultado direto da ascensão de 20 milhões de brasileiros que saíram da classe D e passaram a integrar a classe C, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, na esteira do aumento da renda de seus donos, 900 mil cães e gatos também melhoraram de vida.

“Os donos sabem que a ração é a alimentação mais adequada para o animal. Só não compram quando realmente não podem arcar com essa despesa”, afirma Wendel Nogueira, gerente da Anfalpet. “Por isso, ver que mais animais estão sendo alimentados com produtos industrializados significa que seus donos hoje têm mais dinheiro no bolso.”

De acordo com o IBGE, a renda do trabalhador cresceu 20% nos últimos dois anos - o que representa a entrada de R\$ 194 bilhões na economia brasileira. E o segmento pet foi diretamente beneficiado por essa alta. Entre 2006 e 2007, o faturamento do setor pulou de R\$ 3 bilhões para R\$ 4,1 bilhões. Só o mercado de rações respondeu por R\$ 3,07 bilhões, ou 74,8% desse total. E neste ano a previsão é que o segmento pet atinja a marca de R\$ 5 bilhões.

Vida melhor

Tudo isso porque, além de ração, os bichinhos também têm recebido muitos outros cuidados. “A nova sociedade brasileira é composta por muitos solteiros e por famílias com poucos filhos. Nesse novo quadro, os cães e gatos deixaram de ser apenas animais de estimação e ganharam o status de membros da família”, define Sílvia Regina Ricci, vice-diretora do Hospital Veterinário da Universidade de São Paulo. “Por conta dessa mudança de comportamento, os gastos com os bichinhos aumentaram.”

E como aumentaram. Hoje, se o proprietário seguir a lista completa de recomendações dos veterinários para manter a saúde e o bem-estar do animal, terá de desembolsar nada menos que R\$ 1,4 mil por ano.

Os gastos começam antes mesmo de o bicho sair do pet shop. Na Cidade de São Paulo, a Lei Municipal 14.483, que entrou em vigor em julho do ano passado, determina que os animais sejam castrados e tenham um chip localizador instalado no corpo. Só assim eles podem ser vendidos. Apenas esses dois serviços custam, juntos, aproximadamente R\$ 400.

‘Plano de saúde’

Depois, começam as consultas ao veterinário. “É necessário que o animal faça a visita ao menos uma vez por ano”, informa Marco Antônio Gioso, presidente da Associação Nacional de Clínicos Veterinários de Pequenos

Animais (Anclivepa-SP). Segundo Gioso, essa é a maneira mais segura de evitar que o animal desenvolva doenças mais sérias. “Dessa forma, ganham o bicho (que vai ficar mais saudável) e o dono (que vai evitar gastos com internação e tratamentos)”, avalia.

O preço das consultas varia muito de bairro para bairro. Mas com o crescimento da quantidade de veterinários - atraídos pelos bons números do mercado pet, seis mil profissionais se formam todos os anos no País - e o conseqüente aumento da concorrência, os preços têm baixado. Mas os médicos cobram em média R\$ 50 por consulta.

Outro ponto essencial são as vacinas. No caso dos filhotes, os gastos ficam maiores. Eles precisam tomar uma dose que custa, em média, R\$ 200. Depois disso, tanto os bebês quanto os adultos devem tomar reforços do medicamento a cada seis meses. E lá se vão mais R\$ 80 por dose.

Vermífugos, antipulgas, antiinflamatórios são outros medicamentos que completam a lista básica de remédios para felinos e caninos. Os preços, nesse caso, variam entre R\$ 10 e R\$ 100.

Manter a higiene do bicho também não sai barato. Nos pet shops, os serviços de banho e tosa custam cerca de R\$ 30 cada. Daniela Bochi, veterinária e gerente de marketing da rede de pet shops Cobasi, diz que os animais que circulam pela casa devem tomar ao menos dois banhos por mês. “Isso evita o mau cheiro na residência e a transmissão de bactérias do bicho para o dono”, explica. “Já a tosa é um procedimento puramente estético. Só se torna realmente necessária quando há alguma doença de pele ou nos casos em que a pelagem atrapalha a visão do animal.”

Embora supérfluos, roupas, acessórios, brinquedos e biscoitinhos não deixam de constar no carrinho de compras dos animais da classe C. Esses itens respondem por 20% do valor das compras mensais dos clientes da Cobasi, informa Daniela. “Os consumidores de menor poder aquisitivo procuram peças mais baratas, mas não deixam de levar”, diz a gerente da Cobasi.